



ISSN: 1983-8379

A composição das leituras do vestibular: uma maneira de canonização do escritor

Alan Victor Flor da Silva¹
Germana Maria Araújo Sales²

RESUMO: Em 2011, Marques de Carvalho tornou-se leitura recomendada do processo seletivo da Universidade Federal do Pará. Antes desse fato, seu nome era quase desconhecido por boa parte da população paraense. Portanto, considerando-se como instância de legitimação as leituras recomendadas pelas universidades em seus processos de seleção, objetiva-se, com este trabalho, avaliar como esse prestígio do qual o escritor paraense atualmente desfruta foi significativo para que ele ganhasse notoriedade no cenário das letras no Pará.

Palavras-chave: Marques de Carvalho; Instâncias de legitimação; Processo seletivo; Universidade Federal do Pará; Leitura recomendada.

RÉSUMÉ: En 2011, Marques de Carvalho est devenu lecture recommandée dans le processus de sélection à l'Université Fédérale du Pará. Avant ce fait, son nom était presque inconnu pour une grande partie de la population du Pará. Donc, en considérant comme une instance de légitimation les lectures recommandées par les universités, on a comme but dans cette étude évaluer la notoriété que l'écrivain a gagné dans le scénario des lettres au Pará, lorsqu'il s'est joint au groupe des lectures recommandées dans le processus de sélection à l'UFPA.

Mots-clés: Marques de Carvalho; Instance de légitimation; Processus de sélection; Université Fédérale du Pará; Lectures recommandées.

1. Leituras recomendadas para o vestibular como instância de legitimação

Antes de iniciar qualquer discussão acerca da inclusão dos contos de Marques de Carvalho para o grupo seletivo de leituras recomendadas para o vestibular da Universidade

¹ Mestrando em Teoria Literária pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) e bolsista de mestrado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professora associada do Curso de graduação e Pós-graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA) e bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



ISSN: 1983-8379

Federal do Pará, é necessário definir o conceito de literatura que orientará o desenvolvimento deste trabalho.

O termo “literatura” é, certamente, muito caro aos estudos literários, uma vez que, embora em muitas ocasiões seja empregado como se não levantasse questionamentos e como se houvesse um consenso sobre seus limites e sua essência, apresenta definições – na maioria das vezes contraditórias – que levantam diversas polêmicas e múltiplos debates.

Para a maioria das correntes de estudos na área de literatura, como o Formalismo Russo, o conceito de literatura está associado à materialidade do texto, aos elementos internos à obra. Tal conceituação significa que os textos literários apresentam características próprias que contrastam com as de textos de natureza referencial³.

Os formalistas russos, por exemplo, concebiam que, a partir da leitura de um manuscrito sem menção ao nome do autor e aos elementos paratextuais (capa, contracapa, ficha catalográfica, prefácio, imagens, entre outros), seria possível identificar uma obra como literária ou não literária, pois, para essa corrente teórica, a literariedade – propriedade intrínseca apenas às obras literárias – estaria presente exclusivamente no texto.

Muitos teóricos, no entanto, passaram a perceber que textos não literários compartilhavam dos mesmos elementos que antes se julgava pertencer somente aos textos literários, como a ficcionalidade e a linguagem poética. Antoine Compagnon (2010) defende que a literariedade, por exemplo, é um conceito vinculado a uma preferência extralinguística, uma vez que se leva sempre em consideração um juízo de valor.

A literariedade, como toda a definição de literatura, compromete-se, na realidade, com uma preferência extralinguística. Uma avaliação (um valor, uma norma) está inevitavelmente incluída em toda definição de literatura e, conseqüentemente, em todo estudo literário. (...) Uma definição de literatura é sempre uma preferência (um preconceito) erigido em universal (por exemplo, a desfamiliarização). (COMPAGNON, 2010, p. 43)

Partindo-se do princípio de que textos literários e não literários podem compartilhar das mesmas características, e considerando-se que o conceito de literariedade é baseado em

³ A linguagem era um critério utilizado pelos formalistas russos para distinguir os textos entre literários e de natureza referencial. A linguagem literária era considerada como um conjunto de desvios da norma, pois transgredia os usos convencionais das formas linguísticas para gerar no leitor um prazer estético. A linguagem comum, em contrapartida, era vista como o uso habitual da língua (EAGLETON, 2006).



ISSN: 1983-8379

um ponto de vista pessoal, fundamentado em um conjunto particular de valores, a partir de algumas reflexões por parte de determinados teóricos, passou-se a ponderar que o conceito de literatura pauta-se também em elementos externos ao texto, influenciando significativamente na literariedade das obras.

Para Antonio Candido (2010), embora a literatura possa ser distinguida por meio de fatores internos, ela pode, no entanto, ser concebida também tendo em vista fatores extraliterários, os quais, segundo ressalta o crítico, apresentam um teor secundário, pois dependem de um ponto de vista mais sociológico do que estético. Entretanto, esses fatores são necessários, senão à sondagem intensa das obras e dos escritores, pelo menos à compreensão das correntes e dos períodos.

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2010, p. 84)

Conforme Antonio Candido, a literatura depende, portanto, de uma articulação entre a tríade composta por autor, obra e leitor, de tal modo que, sem a organização desses três elementos, não haveria, de fato, um sistema literário, no qual as obras exercem influência sobre os leitores, estes sobre os autores e, por conseguinte, sobre as obras. É por essa razão que o crítico também ressalta que a literatura é um sistema vivo.

Na mesma perspectiva de Antonio Candido, Márcia Abreu (2006) também apresenta um conceito de literatura pautado em fatores externos à obra literária. No entanto, a autora defende que esses elementos não apresentam um caráter subsidiário, como afirma Antonio Candido. Além disso, Márcia Abreu não restringe a literatura apenas aos elementos que compõem um sistema literário triásico. Para a autora, somente os agentes com poder institucional podem determinar o que é literatura.

Para explicar melhor, é importante considerar inicialmente que o conceito de literatura apresentado por Márcia Abreu parte do princípio de que uma obra não nasce literária. Para chegar à consagração, ela precisa necessariamente passar por um processo. Para exemplificar

3



ISSN: 1983-8379

essa afirmação, José Saramago (1998) – em sua peça de teatro *Que farei com este livro?* – descreve as dificuldades e os esforços de Luís Vaz de Camões para conseguir publicar *Os Lusíadas* (1872), obra que exalta as conquistas e a glória dos navegadores lusitanos. Considerado um dos mais importantes e representativos escritores da Literatura Portuguesa, Camões atravessou diversas dificuldades para publicar seu poema épico. Primeiramente, no século XVI, nenhum livro era publicado sem antes passar pela revisão exaustiva e detalhada da Santa e Geral Inquisição. Por haver na obra camoniana a presença de elementos pagãos, como a alusão a deuses da mitologia grega, o escritor português seiscentista precisou justificá-los para que autorizassem a impressão de sua epopeia. Depois de conseguir a autorização dos censores, Camões ainda tinha mais um obstáculo para enfrentar. Como era um homem de poucas posses e não tinha o patrocínio nem a proteção de nenhum nobre, precisou arquitetar um plano para ter a satisfação de ver ainda em vida sua obra impressa: lançar mão de todo o lucro que poderia obter com a publicação de seus manuscritos. Para isso, Camões teve de vender o privilégio de edição de seu poema épico para o impressor Antônio Gonçalves, que ficou com a propriedade do livro. Nota-se, portanto, que a epopeia camoniana não conseguiu imediatamente seu reconhecimento.

Na verdade, a obra *Os Lusíadas* alcançou seu prestígio apenas no século XIX, pois os românticos portugueses, ao revisitarem a produção literária do país, anterior a seu período, perceberam no poema épico uma exaltação a um momento importantíssimo na história de Portugal. Segundo a visão romântica, a epopeia camoniana enaltece a pátria lusitana porque narra, no século XV, a chegada de uma esquadra portuguesa à costa da Índia, feito nunca antes alcançado por nenhuma outra nação. O desbravamento dos portugueses por mares nunca antes percorridos serviu de marco na história das grandes navegações.

Considerando a trajetória de Camões para publicar seus manuscritos, percebe-se que uma obra, na verdade, torna-se literária, pois, a partir do momento em que é publicada, precisa passar, conforme afirma Márcia Abreu, pelo crivo das instâncias de legitimação, como as histórias literárias, os livros didáticos, as universidades, as revistas especializadas, os suplementos culturais de grandes jornais, a crítica literária, entre outros. Isso significa que, para chegar a pertencer ao cânone literário, uma obra precisa alcançar o maior número de instâncias possível, assim como ilustra o excerto a seguir:

4



ISSN: 1983-8379

Para que uma obra seja considerada *Grande Literatura* ela precisa ser declarada *literária* pelas chamadas “instâncias de legitimação”. Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do grupo seletivo da *Literatura* quando for declarada *literária* por uma (ou, de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto literário não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens culturais. (ABREU, 2006, p. 40, grifos do autor)

Ao analisar uma situação mais próxima, observamos, no século XIX, que, se atualmente Machado de Assis, por exemplo, é considerado um dos maiores representantes da Literatura Brasileira, essa posição não se deve apenas a seu talento na arte da escrita, mas também ao fato de que o autor compõe as histórias literárias e os livros didáticos de literatura e teve seus textos elogiados por críticos literários consagrados. Além disso, suas obras são objeto de estudos de vários especialistas da área de letras, como Alfredo Bosi, Antonio Candido, Fábio Lucas, Helen Caldwell, John Gledson, Lúcia Miguel Pereira e Roberto Schwarz, para citar apenas alguns.

Esse prestígio do qual desfruta Machado de Assis não seria possível se as obras do autor não tivessem tido uma ampla circulação. Sobre esse assunto, Robert Darnton (2010) esclarece que, para que uma obra seja publicada, vários atores estão envolvidos nesse processo. O autor não é o único responsável por sua existência, como, às vezes, se imagina. Para chegar ao produto final, que é o livro impresso, vários outros agentes escondidos nos bastidores desse palco fazem-se necessários: editores, revisores, impressores, livreiros, tradutores, críticos e leitores.

Os livros impressos, porém, tendem a ter um ciclo de vida muito semelhante. Ele pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (...), ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor. Por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da escrita, o leitor completa o circuito. Autores também são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e autores, criam noções de gênero, estilo e uma ideia geral de iniciativa literária que afeta seus textos, quer escrevam sonetos shakespearianos ou instruções para montagem de kits de rádio. Um autor pode usar seu trabalho para rebater críticas sobre sua obra anterior, ou prever reações que serão causadas pelo texto. Ele se dirige a leitores implícitos e escuta a resposta de resenhistas explícitos. Assim, o circuito se completa. (DARNTON, 2010, p. 193-194)



ISSN: 1983-8379

Nesse sentido, o processo de publicação é o início da trajetória de consagração de uma obra, uma vez que, por mais que um escritor escreva da maneira mais sublime, se seus escritos não chegarem ao conhecimento dos leitores e dos críticos, ele jamais chegará a conquistar um lugar no cânone literário, pois não passará pelas principais instâncias de legitimação, como assim ocorreu com Machado de Assis.

Além de ocultar que a literariedade encontra-se fora do texto, a definição de literatura, conforme Márcia Abreu, também esconde uma prática de seleção e exclusão, cuja finalidade é separar determinados textos, escritos por determinados autores, do conjunto de textos em circulação, de tal modo que os que são selecionados (pelas instâncias de legitimação) são supervalorizados e os que são excluídos são estigmatizados.⁴

Levando-se em consideração também como instância de legitimação as leituras recomendadas pelas universidades em seus processos de seleção para o ingresso de novos alunos, objetiva-se, com este trabalho, avaliar como a entrada dos contos de Marques de Carvalho para o processo seletivo da Universidade Federal do Pará (UFPA) foi significativa para que o autor ganhasse notoriedade nas instituições de ensino superior e na imprensa local. Ressalta-se de antemão que o autor paraense ainda não alcançou o cânone literário, mas sua inclusão no rol de leituras recomendadas para os processos seletivos deu-lhe um destaque no cenário paraense das letras. Esse fato, talvez, pode ser considerado o primeiro passo para que Marques de Carvalho venha a tornar-se posteriormente um autor canônico.

Sobre a importância das leituras recomendadas pelas universidades em seus processos seletivos, Paulo Nunes (2011) afirma que essas leituras são responsáveis por difundir autores desconhecidos fora dos limites acadêmicos, tal qual aconteceu com o poeta paraense Max Martins:

Temo parecer inconveniente, mas aproveito a oportunidade para expressar um ponto de vista muito pessoal e que, se calhar, é controverso senão polêmico. Diferentemente da maioria de meus colegas das fileiras acadêmicas, penso que a

⁴ Como textos literários e não literários, às vezes, compartilham das mesmas propriedades, recorre-se à adjetivação do substantivo *literatura* para solucionar esse problema. Expressões como *Grande Literatura*, *Alta Literatura* e *Literatura Erudita* são empregadas sempre com as letras iniciais em maiúsculo para designar os textos supervalorizados, a fim de separá-los dos textos estigmatizados que apresentam também características literárias, reservando-se a eles expressões depreciativas, como, por exemplo, *literatura popular*, *literatura infantil*, *literatura feminina*, *literatura marginal*, entre outras. (ABREU, 2006)



ISSN: 1983-8379

leitura vinculada aos exames de vestibular de todo o país ajudou a difundir autores que, de outra forma, não seriam conhecidos fora dos limites universitários. Digo isso graças a minha militância de mais de 15 anos no nível médio de ensino, período em que se presenciou, por exemplo, a inclusão de Max Martins nos vestibulares da UFPA, UEPA e UNAMA. (NUNES, 2011, p. 9)

Assim como Max Martins, Marques de Carvalho, após ter sido indicado como leitura recomendada para o processo seletivo da UFPA em 2011, ganhou uma notoriedade que ultrapassou os limites das universidades. Antes desse acontecimento, muito de sua produção ficcional encontrava-se desconhecida e esquecida nas páginas de alguns livros considerados raros ou nas folhas de alguns jornais que circularam por Belém na segunda metade do século XIX. Além disso, o apagamento de Marques de Carvalho não se deveu apenas às ações do tempo, pois a crítica literária, enfática em seus comentários desfavoráveis, também contribuiu para que o autor caísse no esquecimento. Críticos como José Veríssimo (1978), Sílvio Romero (1978) e Lúcia Miguel Pereira (1988) não tiveram receio em recriminar severamente o estilo literário de Marques de Carvalho. Talvez seja por essa razão que não haja muitos estudos recentes acerca da produção ficcional do autor paraense, uma vez que os comentários depreciativos dos críticos do alto escalão podem ter sido decisivos para que as avaliações contemporâneas não cotejassem as obras do escritor.

Porém, no início da segunda década do século XXI, em razão dos exames de vestibular da UFPA, a publicação de livros que fazem referência às obras de Marques de Carvalho passou a ser objeto de interesse de instituições ligadas ao circuito de comunicação proposto por Robert Darnton: as universidades e as editoras.

Nesse processo de consagração de obras, a universidade é uma das principais instâncias de legitimação, pois, segundo Mirian Zappone e Vera Wielewicki (2009), esta instituição tem o poder de definir o que é literatura em razão de seu poder institucional no âmbito social:

É a academia, com suas pesquisas, estudos e publicações, além de discussões em sala de aula, e trabalhos jornalísticos de críticos que passaram pelas universidades, que acaba determinando, hoje em dia, o que é literatura, o que é literatura boa e ruim, e como ela deve ser lida. (...)

A comunidade acadêmica, portanto, tem o poder de definir literatura pela posição que essa comunidade ocupa na sociedade, já que o conhecimento especializado é altamente valorizado. Se a universidade e, por extensão a escola de um modo geral,



ISSN: 1983-8379

diz que determinado texto é literário e de bom nível, entende-se que seja assim. (ZAPPONE & WIELEWICKI, 2009, p. 26)

Além de pesquisas, de publicações, de discussões em sala de aula e de trabalhos jornalísticos de críticos, uma das formas que as universidades têm para definir o que é literatura é por meio das leituras recomendadas aos processos seletivos para o ingresso de alunos novos. Para escolher as obras, professores universitários da área de estudos literários reúnem-se para selecioná-las, de modo que a inclusão de algumas implica a exclusão de outras.

Percebe-se, portanto, que as leituras recomendadas pelas universidades em seus processos seletivos para a entrada de novos alunos podem ser estabelecidas como instâncias de legitimação, tomando-se como base o conceito de literatura apresentado por Márcia Abreu. Contudo, é importante ressaltar novamente que o conceito de literatura levanta diversas polêmicas e debates e, se todas as suas definições forem analisadas criticamente, nenhuma pode ser considerada plenamente satisfatória. Nem mesmo o conceito exposto por Márcia Abreu, que apresenta uma especificidade prática e concreta, deixou de receber censuras. Conforme afirma Jonathan Culler (1999), definir literatura levando em consideração o que as instâncias de legitimação deliberam como literatura é deslocar o problema em vez de resolvê-lo, como podemos observar no excerto abaixo:

É tentador desistir e concluir que a literatura é o que quer que uma dada sociedade trata como literatura – um conjunto de textos que os árbitros culturais reconhecem como pertencentes à literatura.

Essa conclusão é completamente insatisfatória, é claro. Ela simplesmente desloca ao invés de resolver a questão: em vez de perguntar “o que é literatura?”, precisamos perguntar “o que faz com que nós (ou alguma outra sociedade) tratemos algo como literatura?”. (CULLER, 1999, p. 29)

Para Jonathan Culler, portanto, definir o conceito de literatura por meio de fatores externos – sociológicos, culturais, geográficos, políticos e econômicos – não soluciona o problema, pois não responde necessariamente a pergunta “o que é literatura?”, mas sim a questão “o que faz com que algo seja concebido como literatura?”.

É possível perceber, por um lado, que nenhum conceito de literatura consegue ser inteiramente satisfatório, uma vez que defini-la por meio de critérios literários é praticamente

8



ISSN: 1983-8379

impossível. Por outro lado, para a realização de estudos literários, é necessário eleger um conceito que melhor se adapte aos objetivos de pesquisa e às correntes teóricas. Para este trabalho, portanto, literatura é o conjunto de textos que as instâncias de legitimação supervalorizam e definem como sendo literatura.

2. Marques de Carvalho: leitura recomendada para o vestibular

O paraense João Marques de Carvalho (1866-1910) foi jornalista, político, diplomata e escritor. Nasceu em Belém, no estado do Pará, no dia 06 de novembro de 1866, e faleceu em Nice, na França, no dia 11 de abril de 1910. Dedicou grande parte de sua vida ao jornalismo. Não apenas foi colaborador de alguns periódicos que fizeram parte da constituição da história da imprensa jornalística belenense, entre os quais destacamos *A Província do Pará*, *A República* e *Diário de Belém*, como também foi fundador de alguns periódicos de pequeno porte, entre os quais mencionamos *A Arena* e *Comércio do Pará*. Aliando sua carreira de jornalista à de escritor, Marques de Carvalho aproveitou-se de um espaço específico dos jornais muito utilizado por alguns escritores estrangeiros e nacionais para divulgação de parte de sua prosa de ficção – a coluna folhetim⁵.

Além de publicar seus textos em jornais belenenses oitocentistas, Marques de Carvalho também publicou narrativas ficcionais em livros, os quais não são relançados há mais de um século, como, por exemplo, as obras *Contos Paraenses* (1889), *Entre as Ninfeias* (1896) e *Contos do Norte* (1900). Esses livros podem ser encontrados apenas na biblioteca pública Arthur Vianna ou no acervo da sala Vicente Sales em estado avançado de deterioração.⁶

No ano de 2011, os contos de Marques de Carvalho “Que bom marido!” e “Desilusão”, ambos publicados pela primeira vez no livro *Contos Paraenses*, em 1889,

⁵ Nessa coluna, Marques de Carvalho publicou os romances “O Pagé” pelo jornal *A República* e “A leviana: história de um coração” pelo jornal *A Província do Pará*. Nesse mesmo espaço, divulgou também os contos “A Cereja”, “A comédia do amor” e “Que bom marido!” pelo jornal *A Província do Pará*. No jornal literário *A Arena*, destinado apenas à publicação de textos de autores paraenses, lançou os contos “Ao soprar a vela”, “História incongruente” e “A medalha do soldado”.

⁶ A biblioteca Arthur Vianna encontra-se localizada na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, em Belém, no estado do Pará. A sala Vicente Sales, por sua vez, encontra-se fixada no Museu de Artes da UFPA, também na capital paraense.



ISSN: 1983-8379

entraram para o processo seletivo 2012 da Universidade Federal do Pará. A partir desse momento, o autor oitocentista, que antes estava esquecido em algumas páginas de livros antigos, passou a ser objeto de interesse de editoras que se estabeleceram na capital paraense, como a Paka-Tatu e a Estudos Amazônicos.

A editora Paka-Tatu foi a primeira a publicar no final de outubro de 2011 o livro *Leitura de dois Contos Paraenses de Marques de Carvalho*, de Paulo Maués Corrêa⁷. Além de apresentar os contos na íntegra e com a atualização ortográfica, uma vez que, quando Marques de Carvalho os escreveu, as regras ortográficas eram diferentes das atuais, Paulo Maués Corrêa os analisa e os compara a textos literários, demonstrando que os contos de Marques de Carvalho assemelham-se não apenas às obras de escritores brasileiros, tais quais Machado de Assis, Lima Barreto e José de Alencar, como também às obras de escritores estrangeiros, tais quais Gustave Flaubert, Eça de Queirós e Émile Zola.

Além disso, os contos selecionados como leitura recomendada são associados também às obras de Aluísio de Azevedo, Inglês de Sousa e Adolfo Caminha, principais representantes do Naturalismo no Brasil. Assim como esses romancistas, Marques de Carvalho também se aproxima da estética naturalista, ao publicar, em 1888, o romance *Hortênci*a, cujo enredo apresenta como temática principal um caso de incesto.

Comparar, portanto, os contos de Marques de Carvalho às obras de autores consagrados não foi uma atitude ingênua. Percebemos que Paulo Maués Corrêa teve a intenção de conferir um lugar no cânone ao autor paraense, colocando-o em patamar de igualdade a escritores célebres. Portanto, assim como assegura Paulo Nunes (2011), no prefácio do livro lançado pela editora Paka-Tatu, nada melhor do que afirmar que os contos de Marques de Carvalho compartilham das mesmas características presentes em obras canônicas para supervalorizar sua produção ficcional.

Não tenho receio de dizer que Paulo Maués Corrêa é um pesquisador literário que enriquece as novas gerações de investigadores literários de Belém do Pará, na Amazônia, e não exagero em minha afirmação, mesmo porque o leitor perceberá nas associações e nas interligações intertextuais entre os textos de Carvalho e obras literárias mais célebres, interligações que só fazem valorizar, estratégia inteligente

⁷ Mestre em estudos literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA), professor das Faculdades Integradas Ipiranga e da Secretaria Executiva de Educação (SEDUC) e autor de outros livros relacionados à literatura de expressão amazônica.



ISSN: 1983-8379

forjada pelo professor pesquisador, a literatura produzida por Marques de Carvalho. (NUNES, 2011, p. 11)

Em entrevista ao jornal *Diário do Pará*⁸, Paulo Maués Corrêa explica por que Marques de Carvalho é um escritor relevante e por que ele é tão pouco reconhecido:

Marques de Carvalho foi um intelectual atuante em seu tempo, participando de grupos de literatos, como a famosa Mina Literária. Literariamente falando, ele produziu obras que dialogaram com a produção sua contemporânea, da Escola Naturalista, o que é reforçado em meu livro pelos diversos contrapontos que efetuo ao longo das análises, especialmente com a obra do também paraense Inglês de Sousa e de Aluísio de Azevedo. A obra de Marques de Carvalho não é tão lida devido ao acesso restrito, pois são poucas as edições disponíveis. Praticamente, o único livro seu que se poderia encontrar até pouco tempo é o romance “Hortência”. Certamente, a inclusão de seu nome como leitura do vestibular dará um novo impulso para a recepção de sua obra. (*Diário do Pará*, 02/11/2011)

Segundo Paulo Maués, Marques de Carvalho é um autor relevante porque foi um intelectual empenhado em fortalecer e unificar o grupo de escritores paraenses no final do século XIX. Além de participar da Mina Literária⁹, fundou, por exemplo, o periódico *A Arena*, destinado apenas à publicação e à difusão de textos ficcionais assinados por autores paraenses, e foi um dos principais idealizadores da Academia Paraense de Letras, conjuntamente com Antonio de Carvalho, Paulino de Brito e Candido Costa (AZEVEDO, 1990).

Na segunda parte da entrevista, Paulo Maués defende que Marques de Carvalho não é atualmente um escritor tão lido pelo fato de suas obras apresentarem poucas edições, tanto que algumas são consideradas raras. Esse fato dificulta o acesso do público à leitura de sua produção ficcional. No entanto, o crítico mostra-se confiante na reedição das obras de Marques de Carvalho, uma vez que o nome do autor paraense foi incluído como leitura do vestibular.

Depois da publicação do livro do professor Paulo Maués Corrêa, a editora Estudos Amazônicos lançou duas semanas depois o livro *Contistas paraense: roteiro de leitura*, de

⁸ Jornal de circulação diária impresso em Belém do Pará desde 1982, pertencente ao Grupo RBA de Comunicação, de propriedade do político local Jader Barbalho.

⁹ A Mina Literária foi a primeira associação de letras fundada em Belém do Pará, em 1º de janeiro de 1895, precedendo até mesmo a inauguração da Academia Brasileira de Letras, instituída em 15 de dezembro de 1896 (AZEVEDO, 1990).



ISSN: 1983-8379

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda¹⁰. Antes da publicação desse livro, encontram-se vários artigos nos jornais *O Liberal*¹¹ e *Diário do Pará* que convidam a população belenense para a palestra e para o lançamento do livro de Sílvio Holanda, no auditório Ismael Nery, na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, no dia 9 de novembro de 2011:

O livro [*Contistas paraenses: roteiro de leitura*] será lançado no Auditório Ismael Nery (Centur), às 19 horas, com o apoio da Fundação Cultural Tancredo Neves. Na ocasião, ocorrerá uma palestra sobre os autores com Sílvio Holanda. (*O Liberal*, 08/11/2011)

Nas matérias publicadas em jornais, percebemos nos títulos a recorrência do termo “resgate”. O emprego desse termo tem por finalidade construir uma imagem positiva da editora associada a uma responsabilidade social de recuperar os textos do autor belenense. A editora Estudos Amazônicos apresenta-se na imprensa como uma empresa preocupada em preservar e em divulgar textos ficcionais que se encontravam por muito tempo sem reedição para evitar que autores locais como Marques de Carvalho caiam no esquecimento, mas é notório que a editora pretende, na verdade, provocar a adesão dos leitores do jornal.



Figura 1: *Diário do Pará*, 04/11/2011.

¹⁰ Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP) e professor associado do Curso de graduação e Pós-graduação da Universidade Federal do Pará (UFPA).

¹¹ Jornal diário que circula em Belém do Pará e em grande parte do estado desde 1946, pertencente às Organizações Romulo Maiorana (ORM).



ISSN: 1983-8379

No entanto, não podemos esquecer que o livro é um produto de consumo que obedece, portanto, a uma lógica de mercado. Para publicá-lo, o editor precisa ter gastos com material, mão de obra (diagramadores, designers, revisores, assessores de imprensa, entre outros), impressão, divulgação e distribuição. Portanto, para não ter prejuízo, a editora não se arriscaria em divulgar uma obra se ela não tivesse a certeza de que seu conteúdo é vendável. Além disso, devemos lembrar que o editor sobrevive da venda de livros e, conseqüentemente, o lucro é seu maior objetivo.

Considerando-se, portanto, que o livro é um produto que exige vários gastos e que uma editora, para manter-se no mercado editorial, precisa obter lucros, a Estudos Amazônicos tem como objetivo principal comercializar livros. Então, por trás dessa imagem de empresa preocupada com a preservação e com a circulação de obras de autores paraenses, esconde-se a intenção de provocar a adesão dos leitores do jornal *Diário do Pará*, a fim de formar um possível público-consumidor das obras lançadas pela editora.

Além disso, não podemos perder de vista que produtos e serviços ligados aos vestibulares, por si sós, são autopromoventes. Não precisam de gastos excessivos com publicidade porque já têm um público-alvo definido – os vestibulandos. É por essa razão mais óbvia que a editora Estudos Amazônicos interessou-se em publicar os contos de Marques de Carvalho que estão como leitura recomendada do processo seletivo da UFPA.

O livro de Sílvio Holanda traz, ao lado dos contos de Marques de Carvalho, “Que bom marido!” e “Desilusão”, o conto “O Rebelde”, de Inglês de Sousa. Além da mesma naturalidade e da mesma carreira profissional, os dois escritores paraenses foram defensores do Naturalismo na Amazônia. A única diferença é que Inglês de Sousa é estimado atualmente como um autor canônico e, por sua vez, Marques de Carvalho se encontra esquecido em páginas amareladas de livros considerados raros.

No prefácio do livro de Sílvio Holanda, cuja autoria é atribuída ao próprio editor, destaca-se que Marques de Carvalho e Inglês de Sousa merecem receber uma atenção especial não apenas na região amazônica, como também no restante do Brasil, uma vez que a importância dos dois escritores não é merecida apenas porque representam o estado do Pará, mas porque ambos são escritores cujo estilo literário é peculiar e inovador.



ISSN: 1983-8379

A divulgação destes contos é uma forma que o Professor encontrou para dar a importância que os dois autores paraenses merecem não apenas na Região Amazônica, como também no restante do Brasil, uma vez que a relevância dos dois escritores não é defendida neste livro porque são paraenses, mas porque se acredita na competência literária de cada um. (O Editor, 2011, p. 4)

À primeira vista, pode-se pensar que é insignificante a quantidade de livros sobre Marques de Carvalho lançados no ano de 2011. No entanto, é necessário considerar que o autor paraense teve apenas dois livros que conseguiram chegar à segunda edição: *Hortênciã* e *Contos do Norte*. O romance foi lançado pela primeira vez em 1888 e foi reeditado mais de cem anos após a primeira publicação, em 1997, em uma edição especial do jornal *A Província do Pará*, em parceria com a Secretaria de Cultura (SECULT) e com a Editora Cejup. O periódico estava distribuindo para seus assinantes, aos domingos, obras de autores paraenses e lançou, no segundo número da coleção Nossos Livros, o romance de Marques de Carvalho. O livro de contos, por sua vez, foi publicado primeiramente em 1900 e foi reeditado quatro anos após a primeira edição, em 1904. Outros livros de autoria de Marques de Carvalho não passaram da primeira edição, como, por exemplo, *Contos paraenses* (1889) e *Entre as Ninfeias* (1896).

Além disso, desde quando Marques de Carvalho iniciou sua carreira de escritor até o ano de 2011, ou seja, há mais de um século, nenhuma obra que versasse sobre sua produção ficcional foi lançada, à exceção do livro *O olhar microscópico de Marques de Carvalho sobre o Pará do século XIX* (2004), resultante da dissertação de mestrado de Carmen da Rocha. Portanto, o fato de apenas dois livros serem lançados no mesmo ano não é um dado irrisório e demonstra que o autor paraense recebeu uma notoriedade no cenário das letras no Pará, pois dois de seus contos entraram para o grupo seletivo de obras que constituem as leituras recomendadas pela Universidade Federal do Pará.

As editoras paraenses, portanto, não se preocuparam em publicar, antes de 2011, os livros sobre a produção ficcional de Marques de Carvalho nem em relançar as obras do escritor oitocentista porque não perceberam nessa empreitada um empreendimento vantajoso e lucrativo, uma vez que as empresas do livro não podem perder de vista a lógica do mercado editorial. Nesse sentido, é óbvio que um livro é publicado para ser vendido. Partindo-se desse princípio, as editoras Paka-Tatu e Estudos Amazônicos interessaram-se apenas em divulgar



ISSN: 1983-8379

livros sobre Marques de Carvalho a partir do momento em que os contos do autor paraense tornaram-se leitura recomendada do processo seletivo da maior universidade da região amazônica porque os serviços e os produtos associados aos exames vestibulares já são destinados a um público certo e concreto, portanto o lucro é garantido.

Concluimos, portanto, que, antes de Marques de Carvalho ser objeto de interesse do mercado editorial, o autor paraense precisou ser selecionado como leitura recomendada do vestibular da UFPA. Então, algumas questões são suscitadas: por que Marques de Carvalho tornou-se leitura recomendada do processo seletivo da UFPA? O que contribuiu para que ele, depois de mais de um século no esquecimento, resurgisse das cinzas? Por que depois das censuras severas que sofreu perante a pena de críticos famosos como José Veríssimo, Sílvio Romero e Lúcia Miguel Pereira sua obra agora é vista sob uma nova perspectiva?

Como já foi aludido anteriormente, as universidades, principalmente em relação aos cursos de letras, têm o poder institucional para decidir quais são as obras que merecem um lugar no cânone literário, por meio da publicação de trabalhos científicos, das leituras recomendadas para o vestibular, entre outros. Essas escolhas implicam um ato de seleção e exclusão, que, por sua vez, acarreta uma supervalorização de algumas obras em detrimento de outras, as quais passam a ser estigmatizadas. Então, ao eleger ou eliminar uma determinada obra, escrita por um determinado autor, as universidades exercem essa tarefa considerando questões políticas, ideológicas e culturais.

Nesse sentido, as universidades escolhem as obras que constituem as leituras recomendadas para o vestibular com algum interesse. Vejamos abaixo as listas de obras de autores brasileiros selecionadas para o processo seletivo de algumas instituições de ensino superior do Brasil, como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que, além do livro de poemas *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, indica os romances: *Til*, de José de Alencar; *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *O cortiço*, de Aluísio de Azevedo; *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; *Capitães da areia*, de Jorge Amado.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), são propostas as leituras dos poemas de Gregório de Matos Guerra; o livro de poemas *A educação pela pedra*, de João Cabral de Melo Neto; os romances: *Esau e Jacó*, de Machado de Assis; *Memórias de um*

15



ISSN: 1983-8379

sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida; *O centauro no jardim*, de Moacyr Scliar; *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza; os livros de contos: *Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, e *O feliz ano novo*, de Rubem Fonseca; como também as novelas *Campo geral* e *Uma história de amor*, de João Guimarães Rosa.

Na Universidade Federal do Pará (UFPA), são propostas as leituras de alguns poemas de Gregório de Matos Guerra; “I-Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias; “O navio Negreiro”, de Castro Alves; poemas de Cruz e Sousa e o livro *Libertinagem*, de Manuel Bandeira. Também são indicados os romances *A pata da gazela*, de José de Alencar; *Esau e Jacó*, de Machado de Assis; *Primeira manhã*, de Dalcídio Jurandir; bem como os contos “Que bom marido!”, de Marques de Carvalho, e “O carro dos milagres”, de Benedicto Monteiro, e a crônica “Prostituição infantil”, de Olavo Bilac.

Percebemos que a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) apresenta uma preferência pelo gênero romance. Das sete obras brasileiras escolhidas, seis pertencem ao gênero romanesco e apenas uma é composta por poemas, reunidos no livro *Sentimento do mundo* (1940), de Carlos Drummond de Andrade.

Observamos também na seleção proposta pela UNICAMP que todas as obras brasileiras selecionadas são de autores canônicos, que já passaram por um número significativo de instâncias de legitimação, como José de Alencar, Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Aluísio de Azevedo, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade. Notamos ainda que a universidade não se preocupou em eleger nenhum autor de naturalidade paulista, mas deve ter escolhido como parâmetro os mais representativos de cada período literário. Acreditamos, portanto, que a UNICAMP não tem interesse em legitimar autores desconhecidos, pois nenhum escritor que esteja à margem do cânone encontra-se presente na lista de obras escolhidas para o vestibular. Embora não tenha o anseio de consagrar nenhum novo autor, é evidente que os nomes indicados pela UNICAMP são reafirmados como parte do cânone.

Ao contrário da UNICAMP, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), embora exponham obras e autores brasileiros célebres em suas listas de leituras recomendadas para o vestibular, inseriram também escritores à margem do cânone.

16



ISSN: 1983-8379

Na lista de leituras recomendadas para o vestibular, a UFRGS apresenta autores reconhecidos nacionalmente e de origem gaúcha como João Simões Lopes Neto e Moacyr Scliar, nascidos, respectivamente, em Pelotas e em Porto Alegre. A UFPA, por sua vez, exhibe também escritores paraenses e não canônicos como Marques de Carvalho, Benedicto Monteiro e Dalcídio Jurandir, nascidos, respectivamente, em Belém, em Alenquer e em Ponta de Pedras.

É possível perceber, portanto, que algumas universidades têm também a intenção de inserir no cânone literário escritores que representam o estado onde estão localizadas ao escolhê-los como leitura recomendada para o vestibular. Essa é uma das razões para a UFPA selecionar os contos de Marques de Carvalho para o processo seletivo de 2012, pois a distância geográfica da região Norte em relação aos centros mais avançados de divulgação literária do país (Centro-Sul) provocou (e ainda provoca) uma dificuldade de divulgação e, por conseguinte, de aceitação das produções locais.

Além disso, a partir de 2003, vários trabalhos científicos acerca da produção ficcional de Marques de Carvalho têm sido elaborados. O primeiro a ser lançado foi a Dissertação de mestrado já mencionada de Carmen da Rocha, intitulada *O olhar microscópico de Marques de Carvalho sobre o Pará do século XIX* (2003), posteriormente lançada em livro. Nesse trabalho, a autora contesta os julgamentos desfavoráveis que o romance *Hortênci*a, de Marques de Carvalho, recebeu de alguns críticos, como, por exemplo, de José Veríssimo, que censurou severamente o estilo literário do autor paraense. Para a pesquisadora, o romance de Marques de Carvalho é digno de muitos elogios:

Hortência, como romance que é, caracteriza-se pela pluralidade geográfica: Belém e Vila de Soure, Ilha de Salvaterra. Verdadeiro painel de Belém que se aproxima de 1900 é apresentado ao leitor. Percorre-se a cidade de ponta a ponta: Cidade Velha a Marco-da-Légua, atual bairro do Marco, onde localiza, hoje, a feira da Bandeira Branca. Existe, pelo narrador, apuro detalhista na apresentação do espaço, criando-se, entre estes e as personagens, uma maneira peculiar de estar em um ambiente. (ROCHA, 2004, p. 75-76)

Em 2007, Paulo Maués Corrêa publicou um artigo intitulado “Leitura mítico-simbólica d’*O banho de tapuia*, de Marques de Carvalho” (2007). Embora defenda que a obra *Hortênci*a prende-se exageradamente à estética naturalista, Paulo Maués afirma que os contos

17



ISSN: 1983-8379

do autor paraense, ao contrário de seu romance, apresentam uma narrativa mais aberta e densa:

Em se tratando da produção ficcional, Marques de Carvalho sempre é lembrado por seu romance *Hortênci*a (1888), que pontua uma mudança de foco na produção romanesca paraense, pois se trata do primeiro romance que expõe centralmente a capital, Belém (...)

Porém, embora o romance me agrade, tenho minhas restrições em relação a ele, por lhe ser muito demarcada a feição caricaturalmente naturalista. Por conta de tal ressalva, voltei-me para os contos do autor, o que se configurou como uma grata surpresa, pois neles encontrei uma narrativa mais livre e vigorosa. (CORRÊA, 2007, p. 36)

Em 2010, escrevi meu Trabalho de conclusão de curso (TCC), intitulado *Um escritor da coluna folhetim: os contos de Marques de Carvalho no jornal A Província do Pará* (2010), resultado do plano de iniciação científica “Um escritor da coluna folhetim: a trajetória literária e a repercussão de Marques de Carvalho em periódicos belenenses oitocentistas”¹². Este trabalho foi o primeiro no Brasil a pesquisar a produção ficcional do autor paraense em periódicos belenenses oitocentistas, principalmente na coluna folhetim.

Embora se perceba que ainda há muito para ser estudo sobre a produção ficcional de Marques de Carvalho publicada no formato livro, nota-se que nada até o presente momento foi escrito a respeito de sua produção ficcional em periódicos belenenses oitocentistas. Portanto, este trabalho pretende descentralizar o foco e sair um pouco das páginas dos livros de sua autoria para ir para as páginas dos jornais, nas quais o autor paraense publicou diversos textos em prosa de ficção. (SILVA, 2011, p. 25)

Lembremos, pois, que a entrada dos contos de Marques de Carvalho para o conjunto de obras selecionadas para o vestibular da Universidade Federal do Pará deveu-se ao fato das pesquisas que estão sendo desenvolvidas acerca da produção ficcional do escritor paraense divulgada tanto em livros quanto em periódicos. Do mesmo modo, as editoras locais Paka-Tatu e Estudos Amazônicos passaram a ter interesse pelo autor belenense apenas quando seus contos passaram a fazer parte do conteúdo programático dos exames vestibulares da UFPA, uma vez que já havia público garantido para adquirir as obras.

¹² Plano de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) desenvolvido na Universidade Federal do Pará (UFPA) e orientado pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.



ISSN: 1983-8379

Embora tenhamos apresentado neste trabalho um conceito de literatura pautado no conjunto de textos que as instâncias de legitimação supervalorizam e deliberam como sendo Grande Literatura, não podemos esquecer que essas instâncias não determinariam uma obra como literária se não houvesse em suas linhas alguma singularidade expressiva.

Depois de mais de um século obscura, a produção literária de Marques de Carvalho tem agora a oportunidade de ser divulgada entre os leitores. Esse fato pode ser considerado crucial para que o autor mereça um lugar no cânone literário, ao lado de outros escritores já consagrados. Podemos pensar que a importância de Marques de Carvalho resida em sua naturalidade, porém ressaltamos que o escritor apresenta uma produção ficcional muito expressiva e eloquente, principalmente em relação a seus contos, representando, portanto, um verdadeiro mundo a ser descoberto e recuperado, tanto nas investigações acadêmicas, quanto pela crítica literária.

Referências

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.

AZEVEDO, José Eustachio de. *Literatura Paraense*. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

CORRÊA, Paulo Maués. *Leitura de dois contos paraenses de Marques de Carvalho*. Belém: Paka-Tatu, 2011.

_____. Leitura mítico-simbólica de *O banho de tapuia*, de Marques de Carvalho. In: CORRÊA, Paulo Maués; FERNANDES, José Guilherme dos Santos (Orgs.). *Estudos de literatura da Amazônia: Prosadores paraenses*. Belém: Paka-Tatu/EDUFPA, 2007. p. 35-53.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.

DARNTON, Robert. *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das letras, 2010.



ISSN: 1983-8379

HOLANDA, Sílvio. *Contistas paraenses: roteiro de leitura*. Belém: Estudos Amazônicos, 2011.

NUNES, Paulo. Prefácio: Ou eu te leio ou me devoras: passeio num bosque de carvalho. In: CORRÊA, Paulo Maués. *Leitura de dois contos paraenses de Marques de Carvalho*. Belém: Paka-Tatu, 2011.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920): história da literatura brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ROCHA, Carmen Dolores Marçal Barreto da. *O olhar microscópico de Marques de Carvalho sobre o Pará do século XIX*. Belém: Prêmio Samuel Wallace Mac-Dowell; Academia Paraense de Letras, 2004.

ROMERO, Sílvio. A literatura em perspectiva. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978. p. 103-126.

SARAMAGO, José. *Que farei com este livro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Alan Victor Flor da. *Um escritor da coluna folhetim: os contos de Marques de Carvalho no jornal A Província do Pará*. 2010. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em Letras). Faculdade de Letras (FALE), Instituto de Letras e Comunicação (ILC), Universidade Federal do Pará (UFPA).

_____. Marques de Carvalho: das páginas dos livros para as páginas dos jornais. In: III CIELLA - Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários da Amazônia, 2011, Belém. *Anais do III Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia*, 2011. v. 1. p. 24-34.

VERÍSSIMO, José. O romance naturalista no Brasil. In: BARBOSA, João Alexandre (Org.). *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978. p. 179-202.

ZAPONNE, Mirian; WIELEWICKI, Vera. Afinal, o que é literatura?. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.